

A Cooperação Sul-Sul do Brasil e da China no setor agrícola: uma análise comparada em Moçambique: CITTAU e ProALIMENTOS

Brazil and China South-South Cooperation in the agriculture sector: a comparative analysis in Mozambique: CITTAU and ProALIMENTOS

Sergio Chichava*

Natalia Noschese Fingermann*

Boletim Meridiano 47 vol. 16, n. 152, nov.-dez 2015 [p. 21 a 28]

Introdução

A China e o Brasil têm chamado muita atenção da comunidade internacional, especialmente no campo da cooperação Sul-Sul (ALDEN, 2007; BRAUTIGAM, 2009; CABRAL & SHANKLAND, 2013; CHICHAVA *et al.*, 2013; CABRAL & WEINSTOCK, 2010). Na África, por exemplo, ambos os países expandiram seus projetos de cooperação para o desenvolvimento, em particular, os projetos relacionados à agricultura (CABRAL & SHANKLAND, 2013; CHICHAVA *et al.*, 2013). Ao entender que a agricultura é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento econômico tanto da China quanto do Brasil, esses países, geralmente denominados “doadores emergentes” ou “novos doadores”, afirmam ter mais chances de transferir suas experiências agrícolas para os países africanos do que os “doadores tradicionais”. De acordo com Li *et al.* (2012), como citado por Buckley (2013), o Governo Chinês assegura que o modelo de desenvolvimento proposto para a agricultura africana “*reflita mecanismos de assistência similares e incorpore a experiência de desenvolvimento da agricultura da China em vários estágios*”. Uma declaração semelhante é proferida pelo ex-presidente brasileiro, Lula da Silva, ao dizer que “*as políticas públicas implementadas no Brasil podem ser exportadas para a África. Haverá a necessidade de alguns ajustes obviamente, mas essas políticas podem funcionar na África*”¹.

Embora ambos os países destaquem os potenciais ganhos de suas experiências locais para África, é importante analisar qual é o modelo de transferência de tecnologia agrícola de cada um deles. No caso da China, os projetos de cooperação agrícola ocorrem pelo estabelecimento de Centros de Demonstração de Tecnologia Agrícola, que visam implementar as práticas bem-sucedidas da China nas nações africanas. Já no caso Brasil, os projetos de cooperação se dão por meio da assinatura de projetos bilaterais ou trilaterais específicos, os quais são normalmente executados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

* Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, Maputo, Moçambique (sergio.chichava@iese.ac.mz).

** Centro Universitário SENAC, São Paulo – SP, Brasil (ataliafinger@yahoo.com.br)

1 Ver informação publicado no site do Instituto Lula disponível em: <<http://www.institutolula.org/lula-na-africa-o-brasil-precisa-estar-junto-da-africa-neste-processo-de-crescimento>>

Com o propósito de compreender como os modelos chinês e brasileiro operam no contexto africano, este artigo compara um projeto chinês e um brasileiro no distrito de Boane, em Moçambique. O projeto chinês é um ATCD, localmente conhecido como Centro de Investigação e Transferência de Tecnologia Agrária de Umbelúzi (CITTAU), enquanto que o projeto brasileiro é um acordo trilateral em parceria com a EMBRAPA, chamado Projeto de Apoio Técnico aos Programas de Nutrição e Segurança Alimentar de Moçambique (ProALIMENTOS). Por meio de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de março e julho de 2013 e uma análise documental, esse artigo primeiramente apresenta o surgimento, a organização e a operacionalização dos projetos. Em seguida, identificam-se quais são as diferenças e as similitudes entre eles, de forma que se verifica que o modelo chinês enfrenta maiores dificuldades em Moçambique do que o modelo brasileiro, visto que os fatores culturais e a barreira linguística limitam o relacionamento entre as partes, a despeito da maior capacidade financeira da China.

1 ProALIMENTOS

Elaborado em 2010 e implementado em 2011, o ProALIMENTOS surge de um acordo de cooperação trilateral entre o Ministério da Agricultura de Moçambique (MINAG), a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), com a execução a ser realizada pelas respectivas entidades: Instituto de Investigação Agrária de Moçambique (IIAM), EMBRAPA e as Universidades da Flórida e Michigan. Assim como outros acordos de cooperação trilateral do Brasil, os recursos financeiros do projeto, no valor de US\$ 2,4 milhões, são compartilhados entre as três partes, sendo que a USAID é responsável pela compra de maquinário e equipamento, enquanto que a ABC é responsável pelas viagens e outros custos relacionados à equipe da EMBRAPA, com exceção de seus salários que são mantidos pela própria EMBRAPA. Por último, o IIAM é responsável em cobrir os custos salariais de seus pesquisadores, além de fornecer o local de trabalho. (FINGERMANN, 2015)

O projeto fica situado no Instituto de Investigação Agrária de Umbelúzi, no distrito de Boane, no sul do país². De acordo com a EMBRAPA, Umbelúzi foi escolhida por duas razões práticas: (i) sua proximidade a Maputo, a capital de Moçambique e (ii) a existência de uma antiga fábrica de processamento de mandioca que poderia ser utilizada como o centro de treinamento e processamento de hortícolas.

Alinhado com a estratégia do MINAG, estabelecida no Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Setor Agrícola (PEDSA) e a Estratégia para o Desenvolvimento Rural (EDR), e demandado pelos pesquisadores do IIAM (FINGERMANN, 2015), o ProALIMENTOS almeja aprimorar a produção e distribuição de hortaliças locais por meio dos seguintes componentes integrados: (i) pesquisa socioeconômica dos produtores locais; (ii) fortalecimento das atividades de produção; e (iii) treinamento em pós-colheita e processamento agrícola (FINGERMANN, 2015). O primeiro componente pretende “*conhecer as especificidades da produção e do consumo de vegetais em Moçambique e avaliar a logística e a competitividade*” a fim de implementar adequadamente o segundo componente que busca “*fortalecer modelos integrados de produção agrícola, pós-colheita e processamento de produtos específicos, e melhorar sistemas de embalagem, armazenagem e processamento de vegetais*”³. Enquanto que o terceiro componente inclui o treinamento dos pesquisadores moçambicanos no Brasil e nos Estados Unidos, bem como a criação de uma fábrica de processamento agrícola em Umbelúzi, uma vez que as instalações atuais estão completamente danificadas e não tem sido utilizadas pela equipe do ProALIMENTOS como havia

2 Criado em 1909 sob o domínio colonial português. A estação agrícola ocupa uma extensão estimada de 700 hectares.

3 Entrevista com ex-coordenador da EMBRAPA em Moçambique, Maputo, junho de 2013.

sido inicialmente planejado⁴. Contudo, a construção dessa instalação que foi anunciada em 2011 pela USAID está paralisada devido à discussões políticas no MINAG⁵.

Até o final de 2013, o ProALIMENTOS testou quase 50 variedades de diferentes tipos de vegetais do Brasil, dos Estados Unidos e de Moçambique, sendo a maioria das variedades brasileiras⁶. Além disso, os pesquisadores do IIAM valorizam a capacitação que ocorre durante as missões dos parceiros e afirmaram que além delas houve um curso em manejo de solo destinado para extensionistas rurais em 2012, que ocorreu nas instalações do CITTAU devido a precariedade das edificações do Instituto de Investigação Agrária de Umbelúzi⁷.

2 CITTAU

Anunciado em 2007, quando o ex-presidente chinês Hu Jintao visitou Moçambique, a construção do CITTAU se iniciou em 2009 e se conclui com a transferência do mesmo para o ex-ministro de Ciência e Tecnologia (MCT), Venâncio Massingue, e o vice-ministro da agricultura, António Limbau, realizada pelo embaixador chinês em Moçambique em julho de 2011. Com um custo estimado de aproximadamente US\$ 6 milhões, foi acordado que durante os três primeiros anos o gerenciamento do CITTAU ficaria a cargo da empresa chinesa *Hubei Lianfeng Agricultural Development Corporation*, apoiada por subsídios chineses de 5 milhões de Yuan ao ano⁸ (CHICHAVA *et al.*, 2013) Similarmente ao projeto brasileiro, o CITTAU também está localizado no distrito de Boane, ocupando uma área de 52 hectares concedidos pelo Instituto de Investigação Agrária de Umbelúzi. As razões para o estabelecimento do CITTAU em Boane são as mesmas que foram apresentadas no ProALIMENTOS: a proximidade em relação à Maputo e a existência de instalações prévias. No entanto, ao invés de buscar utilizar as antigas instalações como foi pretendido pelo ProALIMENTOS, os chineses construíram sua própria instalação, que foi separada do Instituto de Investigação Agrária de Umbelúzi por um portão de entrada e um muro alto.

Também em consonância com os objetivos do PEDSA e do EDR, o CITTAU como uma instituição de pesquisa tem o propósito de transferir tecnologia e formar capital humano na agricultura e na pecuária. De acordo com as autoridades moçambicanas, a organização é um importante instrumento no combate à pobreza e a insegurança alimentar. As autoridades moçambicanas também consideram o CITTAU um símbolo do compromisso chinês com o desenvolvimento de Moçambique. Além disso, graças à tecnologia chinesa, os moçambicanos irão assimilar como melhorar sua produtividade sem a necessidade de utilizar uma grande extensão de terras⁹. De acordo com um dos ex-ministros do MCT, a tecnologia chinesa deve expandir a produtividade de 1 – 1,5 toneladas por hectare para até 9 – 10 toneladas, em algumas culturas.

O primeiro treinamento organizado pelo CITTAU envolveu 34 produtores moçambicanos do Sul do país em junho de 2012, com o objetivo de capacitar os produtores nas seguintes áreas: produção de vegetais, manuseio de maquinário agrícola, nutrição animal, produção de arroz e milho e gestão e processamento. Além dessa atividade de capacitação, o CITTAU também realizou nesse ano testes de adaptabilidade para as

4 Entrevista com a equipe da EMBRAPA, Maputo, março de 2013.

5 Entrevista com coordenador da USAID-Brasil, Maputo, abril de 2013.

6 Entrevista com pesquisadores do IIAM, Maputo, abril de 2013.

7 Entrevista com pesquisadores do IIAM, Boane, abril de 2013.

8 Ver informação publicada por China Daily disponível em: <http://africa.chinadaily.com.cn/weekly/2014-02/14/content_17282692.htm>

9 Ver informação publicada por Sapo Notícias disponível em: <<http://noticias.sapo.mz/aim/artigo/190104082011151138.html>>

condições agroclimáticas de diversas variedades de sementes chinesas, tais como pimenta, couve, berinjela, couve-flor, milho verde e nabo e também testes comparando sua receita de produtividade com as variedades de sementes moçambicanas. No ano de 2014, o CITTAU aprimorou a taxa de produção da população local, com a capacitação sobre a utilização de resíduos orgânicos e animais, que envolveu 46 mulheres da província de Maputo¹⁰.

3 Análise Comparada: CITTAU vs. ProALIMENTOS

Para se identificar as similaridades e diferenças entre os dois projetos de cooperação agrícola, esse artigo compara o objetivo dos projetos e as características de cada parceria definida no momento da formulação, o processo de implementação, com destaque para a barreira linguística e cultural, trazendo ao final uma perspectiva sobre sustentabilidade dos projetos em longo prazo.

3.1 Objetivos e Características das Parcerias

O ProALIMENTOS foca exclusivamente na transferência de tecnologia vegetal com uma ênfase específica nas seguintes variedades: tomates, alface, alho, cebola, mandioquinha, cenoura, pimenta e couve. O CITTAU, por outro lado, inclui outras culturas, como arroz e milho. As variedades de sementes do ProALIMENTOS são oriundas principalmente do Brasil, com uma pequena parcela de culturas moçambicanas e estadunidenses, uma vez que há um consenso entre partes dos potenciais ganhos de adaptabilidade das variedades brasileiras em Moçambique devido as condições climáticas semelhantes¹¹. Em contraste com o ProALIMENTOS, o CITTAU deveria testar somente variedades locais, contudo recente visita do Ministro da Agricultura no projeto mostra que a maioria das sementes testadas foram chinesas. De acordo com ele, “*É muito mais fácil e barato para a população lidar com produtos nacionais. Não estou dizendo que sou contra as variedades chinesas por que são chinesas, apenas quero dizer que gostaríamos de ver mais variedades moçambicanas*”¹².

Outra diferença entre os dois projetos está relacionada ao tipo de parceria. Enquanto o ProALIMENTOS surge de uma demanda do IIAM que resulta numa cooperação trilateral entre Moçambique, Brasil e Estados Unidos, no qual o papel das instituições brasileiras é restrito à cooperação técnica e os recursos financeiros são responsabilidade somente da USAID, o CITTAU é resultado de uma cooperação bilateral entre o Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique e o Governo Chinês, sem nenhuma participação direta do corpo administrativo e técnico do MINAG e IIAM. Fato esse que afeta diretamente a implementação do projeto, uma vez que não há uma interface formal estabelecida com a instituição moçambicana responsável pela pesquisa agrícola no país, o IIAM, apesar do governo de Moçambique e os especialistas em agricultura perceberem a cooperação para o desenvolvimento chinesa como detentora de mais recursos financeiros que a brasileira¹³.

10 Ver informação publicada no site do Ministério da Ciência e Tecnologia disponível em: www.mct.gov.mz

11 Ver informação publicada no site da EMBRAPA disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1498434/experimentos-apontam-melhores-cultivares-de-hortalicas-para-mocambique>

12 Ver informação publicada no Jornal Domingo disponível em: www.jornaldomingo.co.mz/index.php/economia/1036-ministro-insatisfeito-com-desempenho-do-centro-de-umbeluzi

13 Entrevista com pesquisadores do IIAM, Boane, abril de 2013.

3.2 O processo de implementação

O formato diferente de parceria estabelecido no ProALIMENTOS e no CITTAU reflete na execução de cada um dos projetos, assim como em sua possível sustentabilidade. Nota-se que a parceria do CITTAU com o MCT, que não está relacionado diretamente à pesquisa agrícola, gera diversos ruídos na comunicação institucional entre o corpo técnico chinês e os pesquisadores do IIAM. De acordo com um dos dirigentes chineses, a falta de comunicação direta com IIAM retarda a transferência de tecnologia e indica o motivo pelo qual há uma ausência de sementes moçambicanas, pois sempre que se busca realizar uma atividade com o pessoal do IIAM, o CITTAU deve comunicar ao MCT que deve comunicar ao MINAG e finalmente esse comunica ao IIAM. Dessa forma, o IIAM e outros departamentos do MINAG não são realmente envolvidos na gestão do CITTAU, em vez disso, eles são oficialmente reduzidos a meros “espectadores”. De acordo com pesquisadores do IIAM, os líderes do CITTAU deveriam trabalhar lado a lado aos pesquisadores moçambicanos, a despeito dos conflitos políticos que há entre o MCT e o MINAG¹⁴.

Por outro lado, o corpo técnico chinês identifica uma falta de empenho da equipe moçambicana do MCT no CITTAU. Para eles, a equipe moçambicana deixa todo o trabalho para o lado chinês: *“É um problema de planejamento, e de autoestima. Quando cedemos pessoas ao programa técnico chinês, eles irão trabalhar como estão acostumados, porque eles gostam de trabalhar”*¹⁵. Além do mais, é importante destacar que essa equipe moçambicana do MCT não está envolvida na transferência de tecnologia agrícola, pois o seu trabalho se limita a tarefas burocráticas, como a obtenção facilitada de vistos de trabalho para os especialistas chineses, a importação de equipamentos e sementes chineses e a coordenação de outras atividades, como abertura de cerimônias e eventos de certificação dos cursos de formação¹⁶. Em outras palavras, pode-se dizer que a equipe do MCT fornece um ineficaz apoio burocrático ao corpo técnico chinês, sem haver, portanto, moçambicanos que trabalhem diariamente no campo com os especialistas agrícolas chineses, a não ser os trabalhadores sazonais contratados pelo CITTAU, que não possuem qualquer tipo de conhecimento técnico-científico. Isso leva os especialistas agrícolas chineses a pensar que os moçambicanos não reconhecem a importância da agricultura na luta contra a pobreza¹⁷.

Diferentemente do CITTAU, a interação entre parceiros moçambicanos, brasileiros e norte-americanos no programa ProALIMENTOS tem sido muito mais consistente. Os técnicos agrícolas do IIAM têm recebido cursos de formação na transferência de tecnologia vegetal realizados pela contraparte brasileira e norte-americana. Entre os principais exemplos dessa interação estão os treinamentos fornecidos para os especialistas moçambicanos em ambos os países, bem como a organização de seminários para discutir o escopo do programa¹⁸. Da mesma maneira, a interação com os agricultores locais é relativamente mais intensa dentro do programa ProALIMENTOS do que no caso chinês. O principal trabalho realizado pelo CITTAU até o momento foi a finalização dos testes de adaptabilidade das variedades de sementes às condições locais moçambicanas, feito inteiramente pela equipe chinesa. No entanto, vale destacar que a relação estreita entre o corpo técnico do IIAM, EMBRAPA e Universidades da Flórida e Michigan não está vinculada a uma maior participação institucional do MINAG, pois como apontado por entrevistados o MINAG não fornece qualquer tipo de recurso financeiro

¹⁴ Entrevista com pesquisadores do IIAM, Boane, abril de 2013.

¹⁵ Ver informação publicada em Sapo Notícias disponível em: <<http://noticias.sapo.mz/aim/artigo/739205042013185434.html>>

¹⁶ Entrevista com representante do MCT, novembro de 2013.

¹⁷ Entrevista com um dos gerentes chineses do CITTAU, Boane, outubro de 2013.

¹⁸ Ver informação publicada no site da EMBRAPA disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1759361/missao-em-mocambique-capacita-tecnicos-e-extensionistas-do-iiam>

para apoiar adequadamente a pesquisa agrícola, mesmo que este órgão afirme que a pesquisa é a “espinha dorsal” para o desenvolvimento agrícola em Moçambique. (FINGERMANN, 2015)

A barreira linguística também impacta as relações institucionais entre os moçambicanos e especialistas agrícolas chineses no CITTAU, sendo também o principal obstáculo na relação com os agricultores locais. Embora este aspecto não seja específico apenas para o caso chinês – já que nem todos os agentes de cooperação ou agentes econômicos em Moçambique falam Português – no caso chinês este problema é mais grave porque nenhum moçambicano que trabalha com eles fala chinês, e nenhum chinês fala português ou inglês de forma compreensível. O CITTAU também parece ser inacessível para os moçambicanos, uma vez que as placas de indicação dentro do Centro estão escritas exclusivamente em inglês e chinês.

Em contraste com o caso do CITTAU, a relação no programa ProALIMENTOS é facilitada pelo fato de todos os parceiros se comunicarem tanto em Português quanto em Inglês, assim como pelo fato de já existir uma relação prévia entre a maioria dos pesquisadores envolvidos no ProALIMENTOS. Fingermann (2015), por exemplo, aponta que a rede profissional pré-existente e a profunda compreensão da cultura corporativa da EMBRAPA geram um impacto positivo no processo de implementação do projeto. Em um estudo anterior, Chichava *et al.* (2013), também demonstram que além do idioma comum, os moçambicanos identificam as práticas de cooperação brasileiras como mais adequada à realidade do país, em comparação à aquela adotada pelos chineses.

No entanto, é importante destacar que no ProALIMENTOS há também dificuldades na execução, em particular, por parte das instituições brasileiras que são vistas como “*burocráticas e lentas*”, como bem colocado pelo entrevistado da MSU: “*estávamos frustrados porque se eu precisasse ir para Moçambique, eu poderia ir a Moçambique (...) tínhamos o dinheiro, mas os brasileiros ainda estavam esperando para obter a aprovação da sua parte*”¹⁹. Por fim, vale salientar que esse entrave institucional da cooperação brasileira é recorrentemente apontado em outros projetos trilaterais (FINGERMANN, 2015), porém nesse caso os especialistas agrícolas moçambicanos identificam que os ganhos trazidos pela EMBRAPA são enormes, independente do *timing*²⁰. Já, em relação a China, há uma percepção mais positiva sobre sua capacidade institucional e financeira, sendo designada um “doador mais flexível” (Chichava *et al.*, 2013), embora haja a percepção, por parte dos técnicos do IIAM, de que não há um esforço dos chineses em transferir sua tecnologia agrícola para Moçambique.

3.3 A sustentabilidade do CITTAU e do ProALIMENTOS

A sustentabilidade de projetos de cooperação é uma preocupação recorrente entre os doadores em Moçambique, uma vez que o país não detém de capital financeiro suficiente para manter em andamento muitos projetos implementados. Se o programa ProALIMENTOS tem recebido apoio principalmente da USAID e tem apresentado relativo sucesso entre os agricultores locais, relata-se que ainda há limitações para sua continuidade, tais como a dificuldade de acesso à crédito e acesso aos mercados, bem como a inexistência de fábricas de processamento agrícola. Além disso, a baixa remuneração do corpo técnico do IIAM provoca dificuldades para a própria implementação do ProALIMENTOS, uma vez que seus técnicos tem migrado para posições estratégicas em agências internacionais locais, aquilo que Fingermann (2015) identifica como um processo de *internal brain drain*.

¹⁹ Entrevista com o pesquisador da MSU, Maputo, março de 2013.

²⁰ Entrevista com o pesquisador do IIAM, Maputo, abril de 2013.

Quanto ao CITTAU, estima-se que o projeto tenha duração de 10 anos, sendo que após os três primeiros anos, a equipe de Moçambique deve substituir os funcionários chineses. No entanto, o governo de Moçambique, devido às suas dificuldades materiais e financeiras, afirma que eles precisam de mais ajuda financeira da China. De acordo com o gerente chinês, “*A partir de então [Depois de abril de 2014, final dos primeiros três anos], uma parceria comercial de sete anos vai começar. O centro vai se tornar autossustentável, porque o governo chinês pode parar o seu apoio financeiro*”²¹. Na realidade, os gestores chineses identificam três opções para garantir a sustentabilidade do Centro, com o término do apoio do governo chinês: (i) introduzir o pagamento nos cursos de formação de agricultores. Este sistema já foi implementado na China com sucesso, no entanto essa opção parece condenada ao fracasso em Moçambique, uma vez que muitos agricultores locais não dispõem de recursos; (ii) desenvolver uma agroindústria, que inclui o cultivo e o processamento de culturas como arroz e milho, que são culturas populares no mercado local devido aos preços baixos e as diferentes variedades fornecidas pelos chineses; e (iii) desenvolver a criação de porcos no CITTAU, a partir de um modelo de negócios com fins lucrativos.

4. Considerações finais

Esse artigo comparou a cooperação Sul-Sul brasileira e chinesa no setor agrícola em Moçambique, destacando que mesmo que ambos os projetos tenham como inspiração as experiências de sucesso dos doadores emergentes em seus respectivos países, os modelos de transferência de tecnologia de cada um dos casos mostra que as diferenças culturais e a barreira linguística entre os parceiros impacta no desempenho da implementação. No caso do CITTAU, esses fatores são bem mais evidentes do que no caso do ProALIMENTOS. Entretanto, o fato de Brasil depender da cooperação trilateral faz com que os beneficiários moçambicanos não identifiquem o país como um importante doador, como os Estados Unidos e a China, que são capazes de prover facilmente recursos financeiros.

Contudo, nota-se que há uma incerteza em relação a continuidade dos projetos, em particular, do CITTAU, pois é improvável que agricultores locais consigam replicar o modelo agrícola chinês uma vez que não estejam envolvidos no dia-a-dia da gestão. Já, no caso do ProALIMENTOS, em que há uma transferência de conhecimento direcionada principalmente aos pesquisadores do IIAM, responsáveis pela multiplicação junto com os agricultores locais, destaca-se as dificuldades de acesso a mercado e crédito que se mantém como um dos problemas centrais ao desenvolvimento agrícola de Moçambique. Por último, é importante apontar que a continuidade de ambos os projetos depende antes de qualquer coisa do apoio institucional e político do MINAG.

Referências bibliográficas

- ABREU, Fernando. A evolução da Cooperação Técnica Internacional no Brasil. In: Mural Internacional, Vol. 4, nº 2, Jul-Dez, 2013, pp. 3-16.
- ALDEN, Chris. China in Africa. Londres: Zed Books Ltd, 2007.
- BRAUTIGAM, Deborah. The Dragon's Gift: The Real Story of China in Africa. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.

21 Ver informação publicada por China Daily disponível em: <http://africa.chinadaily.com.cn/weekly/2014-02/14/content_17282692.htm>

- BUCKLEY, Lila. (2013) *Narratives of China-Africa Cooperation for Agricultural Development: New Paradigms?* FAC Working Paper 53, Brighton, UK: Future Agricultures Consortium.
- CABRAL, Lidia; SHANKLAND, Alex. *Narratives of Brazil-Africa Cooperation for Agricultural Development: New Paradigms?* In: FAC Working Paper, 51, Brighton: Future Agricultures Consortium, 2013. Disponível em <<http://www.future-agricultures.org/publications/research-and-analysis/1638-narratives-of-brazil-africa-cooperation-for-agricultural-development-new-paradigms/file>>. Acesso em 10 de julho de 2014.
- CHICHAVA, Sergio; JIMENA, Duran; CABRAL, Lidia; SHANKLAND, Alex, BUCKLEY, Lila; TANG, Lixia; ZHANG Yue. *Brazil and China in Mozambican Agriculture: Emerging Insights from the Field*. In: IDS Bulletin, Brighton, Vol. 44.4, 2013, pp. 101-115.
- FINGERMANN, Natalia Noschese. *A study of Brazilian Trilateral Development Cooperation in Mozambique: The case of ProSAVANA and ProALIMENTOS*. In: FAC Working Paper 113, Brighton: Future Agricultures Consortium, 2015. Disponível em: <<http://www.future-agricultures.org/publications/research-and-analysis/1943-a-study-of-brazilian-trilateral-development-cooperation-in-mozambique-the-case-of-prosavana-and-proalimentos/file>>. Acesso 10 de agosto de 2015.
- XIAOYUN, Li; GUBO, Gi.; TANG, Lixia.; ZHAO, Lixia.; JIN, Leshan.; ZHANFENG, Guo; JIN, Wu. *Agricultural Development in China and Africa: A Comparative Analysis*. Londres: Routledge, 2012.

Resumo

Esse artigo compara a cooperação Sul-Sul brasileira e chinesa no setor agrícola por uma análise de dois projetos no distrito de Boane, em Moçambique. O trabalho identifica como as diferenças no processo de formulação e outros fatores, como idioma e cultura, refletem na implementação e na sustentabilidade dos projetos.

Abstract

This article compares Brazilian and Chinese South-South cooperation in the agriculture sector by analyzing two ongoing projects in Boane, Mozambique. This paper identifies to what extent a different formulation process and other features, such as language and culture, may reflect on the projects' implementation and sustainability.

Palavras-chave: Cooperação Sul-Sul; Política Externa Brasileira; Política Externa Chinesa; Cooperação Internacional para o Desenvolvimento; Moçambique.

Key-words: South-South cooperation; Brazilian Foreign Policy; Chinese Foreign Policy; International Cooperation for Development; Mozambique.

Submetido em 20/10/2015

Aceito em 17/12/2015